



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA com o apoio



# ATAS/ANAIS

[Atas/Anais em conformidade com o 2º protocolo modificativo do acordo ortográfico]

## 8º COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA



ORGANIZADO POR

ISBN: 978-989-95891-3-1

BRAGANÇA, Portugal - 30 setembro 3 outubro 2009

APOIO



### PROTOCOLOS E PARCERIAS:

Governo Estadual de Santa Catarina, Brasil  
Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza  
UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil  
Universidade do Minho, Braga, Portugal  
ESE, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal  
ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Academia de Letras de Brasília, Brasil

Atas/Anais em conformidade com o 2º protocolo modificativo do acordo ortográfico

© Copyright 2009 CHRYS CHRYSTELLO E COLÓQUIOS DA LUSOFONIA,  
CD GRAVADO E VERIFICADO POR JOÃO CHRYSTELLO



## COMISSÕES

### PATRONOS / COMISSÃO DE HONRA

PROFESSOR JOÃO MALACA CASTELEIRO Academia de Ciências de Lisboa

PROFESSOR EVANILDO CAVALCANTE BECHARA Academia Brasileira de Letras

### APOIO LOGÍSTICO:

CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA

### PROTOCOLOS E PARCERIAS:

GOVERNO ESTADUAL DE SANTA CATARINA, BRASIL

ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, (UNISUL), BRASIL

DRC - Direção Regional Comunidades (Presidência Governo Regional Dos Açores), PORTUGAL

ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL

ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, PORTUGAL

ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, BRASIL

UNIVERSIDADE MACKENZIE DE SÃO PAULO, BRASIL

### COMISSÃO EXECUTIVA 2009-2010

Presidente Dr. Chrys Chrystello University of Brighton, Helsinki University, ex UTSydney Australia)

Vice-Presidente Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel, Açores

### COMISSÃO INSTITUCIONAL PERMANENTE 2009-2010

Prof. Doutor João Sobrinho Teixeira, Presidente Instituto Politécnico de Bragança

Prof. Doutor Luciano Pereira, Esc. Sup. de Educação, Instituto Politécnico Setúbal

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Zélia Borges, jubilada Univ. Mackenzie, S. Paulo, Brasil

Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Beatriz Madruga Pinheiro, UNISUL, Sta Catarina, Brasil,

Edson Busch Machado, Governo Estadual de Santa Catarina, Brasil

Cristina Vianna, Ass. Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses, Sta Catarina, Brasil

Dr. Augusto de Abreu, Ass. Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses/ Sta Catarina, Brasil

Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa (Secretário)

### COMISSÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS

Professor Doutor João Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa)

Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara (Academia Brasileira de Letras)

Dr. Ângelo Cristóvão, (Academia Galega da Língua Portuguesa)

Dr. Chrys Chrystello (Mentor University of Brighton, Reviewer Helsinki University, ex-Australia's Council Literature Assessor (UTS - Sydney Australia)

Dra. Helena Chrystello (Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores)

### SECRETARIADO EXECUTIVO E COMISSÃO DE ATIVIDADES PARALELAS

Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores

Dr Tiago Anacleto Matias, Parlamento Europeu

João Chrystello (Sonoplastia e Luminotecnia, apoio informático)



## TEMAS 2009

<b>1. HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:</b> seis autores meramente sugeridos ( <i>entre outros</i> ):
<a href="#">1.1. Carolina Michaëlis (ver bio aqui),</a>
<a href="#">1.2. Leite de Vasconcellos (ver bio aqui),</a>
<a href="#">1.3. Euclides da Cunha (ver bio aqui),</a>
<a href="#">1.4. Agostinho da Silva (ver bio aqui),</a>
<a href="#">1.5. Rosalía de Castro (ver bio aqui),</a>
<a href="#">1.6. Gulamo Khan (Moçambique 1952-1986 ver bio aqui)</a>
1.7. Outros autores esquecidos
<b>2. LUSOFONIAS:</b>
2.1. DEBATE SOBRE QUESTÕES E RAÍZES DA LUSOFONIA.
2.2. A VIGÊNCIA DO 2º PROTOCOLO MODIFICATIVO DO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990
2.3. PROMOÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2ª LÍNGUA/LÍNGUA ESTRANGEIRA)
2.4. PONTO DA SITUAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO.
2.5. LÉXICOS DA LUSOFONIA.
2.6. LUSOFONIAS E INSULARIDADES
2.7. CRIAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS SOBRE ESTUDOS DE CRIoulos DA LÍNGUA PORTUGUESA
<b>3. TRADUÇÃO:</b>
3.1. TRADUÇÃO DE AUTORES PORTUGUESES
3.2. TRADUTORES DE PORTUGUÊS E TRADUTORES PARA PORTUGUÊS
3.3. TRADUÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS
<b>4. Propostas de dinamização dos PROJETOS dos Colóquios da Lusofonia</b>
4.1. DICIOPÉDIA
4.2. CRIoulos DE ORIGEM PORTUGUESA, CRIAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS
4.3. MUSEU DA LÍNGUA/MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA
4.4. ESTUDOS AÇORIANOS NA UNISUL (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA)
4.5. ESTUDOS TRANSMONTANOS
4.6. OUTROS PROJETOS

**LISTA DE ORADORES** 8º COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA 2009

Nome	Tema	Instituição	Título
<b>Carregue no nome para aceder a biodados e sinopses</b>			
1. <a href="#">ADRIANA CRISTINIANI</a>	2.5	U. SÃO PAULO/UNIBAN BRASIL	O TEMA LEXICAL CHUVA DE GRANIZO E SUAS VARIAÇÕES: A NORMA REGISTRADA NO ATLAS SEMÂNTICO LEXICAL DA REGIÃO DO GRANDE ABC, SP BRASIL
2. <a href="#">ADRIANO MOREIRA</a>	2.2	ACADEMIA DE CIÊNCIAS, PORTUGAL	PONTOS CRÍTICOS DA CPLP
3. <a href="#">ALEXANDRE BANHOS</a>	2.4	ADMINISTRAÇÃO DA GALIZA, GALIZA	OS MORADORES DA GALIZA SOB DOMÍNIO ESPANHOL TÊM QUALQUER DIREITO A DENOMINAR A LÍNGUA PORTUGUESA SOB OUTRO NOME
4. <a href="#">ÁLVARO CARETTA</a>	2.4	U. SÃO PAULO BRASIL	A LÍNGUA PORTUGUESA CANTADA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO
5. <a href="#">ANA AGUILAR FRANCO</a>	1.7	U. LUSÓFONA /U. LISBOA PORTUGAL	NATAL BRANCO DE JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS
6. <a href="#">ANABELA DE BRITO MIMOSO</a>	1.1	U. LUSÓFONA HUMANIDADES & TECNOLOGIA PORTO PORTUGAL	A ATUALIDADE DAS ANOTAÇÕES DE D. CAROLINA MICHAELIS AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1911
7. <a href="#">ANDREIA ROSMANINHO</a>	1.3	U. PORTO/U. MACKENZIE SÃO PAULO BRASIL	OLHARES LUSÓFONOS DE ESCRITORES VIAJANTES: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA LITERÁRIA DE EÇA DE QUEIRÓS E EUCLIDES DA CUNHA.
8. <a href="#">ÂNGELO CRISTÓVÃO</a>	2.2	ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA, GALIZA	OS DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA NA GALIZA: ENTRE O MODELO NACIONAL E O PATOIS
<del><a href="#">ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ SUPLENTE</a></del>	<del>2.4</del>	<del>ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA GALIZA</del>	<del>LÍNGUA OFICIAL E DIALETAL: APONTAMENTOS PARA UMA TEORIA LINGÜÍSTICA DO GALEGO OU PORTUGUÊS GALEGO NA SEQUÊNCIA DO PROFESSOR CARVALHO CALERO</del>
9. <a href="#">ARTUR ALONSO</a>	1.5	ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA GALIZA	DE ROSÁLIA (DE CASTRO) A CONCHA (ROUSIA)
10. <a href="#">CHRYS CHRYSTELLO</a>	2.6	AÇORES	AÇORIANIDADE LITERÁRIA
11. <a href="#">CONCHA ROUSIA</a>	1.7	ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA GALIZA	POESIA
12. <a href="#">CRISTÓVÃO AGUIAR</a>	1.7	ESCRITOR AÇORIANO/U. COIMBRA AÇORES	PAULO QUINTELA E MIGUEL TORGA
13. <a href="#">DINA FERREIRA</a>	2.6	U. MACKENZIE SÃO PAULO BRASIL	LUSOFONIA INSULAR E CONTINENTAL: AÇORES E BRASIL (CRISTÓVÃO DE AGUIAR E MOACIR SCLAR)
<del><a href="#">EDUARDO NAIA</a></del>	<del>1.7</del>	<del>ESC. SEC. DOMINGOS REBELO, PONTA DELGADA AÇORES 3</del>	<del>GENTE DE TERCEIRA CLASSE DE JOSÉ RODRIGUES MIGUEIS IMPRESSÕES DE UMA REALIDADE SOCIAL</del>
14. <a href="#">ELIS CARDOSO</a> E 15. <a href="#">ALESSANDRA IGNEZ</a>	2.4	U. SÃO PAULO, BRASIL	A EXPRESSIVIDADE DOS NEOLOGISMOS NA LITERATURA BRASILEIRA
16. <a href="#">EVANILDO BECHARA</a>	2.2	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, BRASIL	O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO
<del><a href="#">Evy MARTINS PROLA</a></del>	<del>1.7</del>	<del>U. EXTREMADURA ESPANHA</del>	<del>TRIBUTO A AGOSTINHO NETO, ESCRITOR, POETA E POLÍTICO</del>
17. <a href="#">GABRIELA CASTRO</a>	2.6	U. DOS AÇORES, AÇORES	PELOS CAMINHOS DA FILOSOFIA EM BUSCA DA AÇORIANIDADE
18. <a href="#">Genésio Seixas Souza</a>	2.4	U. DA BAHIA BRASIL	ASPETOS LEXICAIS NO MANUSCRITO <i>NOTÍCIA DO BRASIL</i> DE GABRIEL SOARES DE SOUSA
19. <a href="#">HELENA ANACLETO-MATIAS</a>	3.2	INSTº SUP CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO PORTO, PORTUGAL	RICHARD ZIMLER E A AUTO IDENTIFICAÇÃO: O PAPEL DO TRADUTOR NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO SER
20. <a href="#">HELENA L. AFONSO</a>	2.3	FAC. LETRAS U. LISBOA PORTUGAL	A PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE PORTUGUÊS EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE
21. <a href="#">ILYANA CHALAKOVA</a>	1.7	U. DE SÓFIA BULGÁRIA	VIVÊNCIAS DO CORPO NA POESIA DE JUDITH TEIXEIRA
22. <a href="#">IRENILDE SANTOS</a>	2.5	U. DE S. PAULO BRASIL	O LÉXICO PAULISTANO NO CONTEXTO DA LUSOFONIA: ASPETOS DISCURSIVOS



23. <a href="#">ISABEL REI</a>	1.7	ACADEMIA GALEGA DA LINGUA PORTUGUESA GALIZA	GUITARRA E POESIA: ROSALÍA CASTRO E AVELINA VALLADARES, ESCRITORAS E MÚSICAS DA LUSOFONIA
24. <a href="#">JOÃO MALACA CASTELEIRO</a>	2.2	ACADEMIA DE CIÊNCIAS, LISBOA PORTUGAL	O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO
25. <a href="#">JORGE ALMEIDA E PINHO</a>	3.2	INSTº SUP. ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO FCT(CETAPS) PORTO PORTUGAL	A TRADUÇÃO E OS LEITORES
26. <a href="#">JOSÉ GIL</a> E 27. <a href="#">JOÃO GOMES</a>	1.7	ESCOLA SUP. EDUCAÇÃO, POLITÉCNICO SETÚBAL/ESCOLA SUPERIOR EDUCAÇÃO, POLITÉCNICO BRAGANÇA PORTUGAL	AUGUSTO BOAL GRANDE PERSONALIDADE DA LUSOFONIA, O TERCEIRO TEATRO
<del><a href="#">LARYSA SHOTROPA</a></del>	<del>2.4</del>	<del>U. NOVA DE LISBOA/UCRÂNIA 1</del>	<del>O ESTADO DO PORTUGUÊS NA RÚSSIA</del>
28. <a href="#">LINO MOREIRA DA SILVA</a>	2.2	U. DO MINHO BRAGA PORTUGAL	A COOPERAÇÃO ENTRE POVOS, TOMANDO COMO PRETEXTO A LÍNGUA COMUM: O CASO DO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
29. <a href="#">LURDES ESCALEIRA</a>	2.4	INSTº POLITÉCNICO DE MACAU, CHINA	LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO DE MACAU.
30. <a href="#">Mª CÉU CAETANO</a>	1.1	FCBS U. NOVA DE LISBOA PORTUGAL	AS GRAMÁTICAS HISTÓRICAS DE LEITE DE VASCONCELOS E DE CAROLINA MICHAËLLIS
31. <a href="#">Mª NEVES GONÇALVES</a> E <a href="#">MANUELA SANTOS</a>	2.4	U. LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA LISBOA PORTUGAL	A VIAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA – O ENTRECRUZAR DE VEREDAS
32. <a href="#">Mª MANUEL CALVET RICARDO</a>	2.1	U. LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA LISBOA PORTUGAL	O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. BREVE ABORDAGEM DO ENSAIO DE ANTÓNIO SÉRGIO <i>EM TORNO DO PROBLEMA DA "LÍNGUA BRASILEIRA</i>
33. <a href="#">MÁRCIA REGINA ENCARNÇÃO</a>	2.6	U. S. PAULO, BRASIL/UNIESP BRASIL	UM BREVE ESTUDO DO LÉXICO CONSERVADOR PRESENTE NO FALAR ILHÉU DO DISTRITO DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, LITORAL DE SANTA CATARINA - BRASIL
34. <a href="#">ÓSCAR DE SOUSA</a>	2.4	U. LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA LISBOA PORTUGAL	LÍNGUA PORTUGUESA E ORTOGRAFIA. COMO ENFRENTA O SUJEITO A TAREFA DE TRANSCREVER CORRETAMENTE A GRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
35. <a href="#">PERPÉTUO SANTOS SILVA</a>	2.4	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E ESTUDOS DE SOCIOLOGIA ISCTE LISBOA PORTUGAL	MODOS DE RELAÇÃO COM A LÍNGUA PORTUGUESA NUMA MACAU DO SEC. XXI
36. <a href="#">RENATO EPIFÂNIO</a>	1.4	MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO, LISBOA PORTUGAL	O LEGADO DE AGOSTINHO DA SILVA: 15 ANOS APÓS A SUA MORTE.
37. <a href="#">ROSÁRIO GIRÃO</a> E 38. <a href="#">MANUEL J. SILVA</a>	2.6	U. DO MINHO BRAGA PORTUGAL	NO RASTO DE J.C.: AS ROTAS DA MEMÓRIA <b><i>UM VERBO A CONJUGAR : CIRCUM-NAVEGAR</i></b>
39. <a href="#">SOLANGE PINHEIRO</a>	2.5	U. S. PAULO, BRASIL	A PENÍNSULA IBÉRICA NO SERTÃO DO BRASIL: CRIAÇÕES POR JUSTAPOSIÇÃO NA OBRA DE ARIANO SUASSUNA
40. <a href="#">TAYO AJAYI</a>	2.7	U. ESTADUAL DE LAGOS, NIGÉRIA	UMA SÍNTESE DOS HIBRIDISMOS IORUBA PORTUGUESES NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL
41. <a href="#">TIAGO ANACLETO-MATIAS</a>	3.3	PARLAMENTO EUROPEU BRUXELAS BÉLGICA	LOCALIZAÇÃO WEB EM PORTUGUÊS
42. <a href="#">ZÉLIA BORGES</a>	1.3	U. MACKENZIE SÃO PAULO BRASIL	OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA

**ORADORES (PAÍSES E REGIÕES)**

Portugal 19, Brasil 12, Galiza 5, Açores 3,  
Bélgica 1, Macau R P China 1, Espanha 1, Bulgária 1, Nigéria 1, Ucrânia 1,  
Roménia



- Alves, Hélio Osvaldo. (1996) "Introdução" in William Blake. *A Águia e a Toupeira*. Seleção, tradução e notas de Hélio Osvaldo Alves. Guimarães: Pedra Formosa, Edições.
- Andrade, Eugénio de. (1982) "Introdução" in Safo. *Poemas e Fragmentos de Safo*. Tradução de Eugénio de Andrade. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. (1987) "Prefácio" in William Shakespeare. *Hamlet*. Tradução de Sophia de Mello Breyner Andresen. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Gonçalves, Daniel. (1992) "Prefácio" in H. Rider Haggard. *As Minas de Salomão*. Tradução e notas de Daniel Gonçalves. Lisboa: Difel.
- Gutt, Ernst-August. (1991) *Translation and Relevance*. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell.
- Hatim, Basil & Ian Mason. (1990) *Discourse and the Translator*. London and New York: Longman.
- Lefevere, André. (1992) *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge.
- Lefevere, André (ed.). (1992) *Translation / History / Culture*. London/New York: Routledge.
- Newmark, Peter. (1988) *A Textbook of Translation*. London: Prentice Hall.
- Oliveira, Carlos de. 1966. "Prefácio" in Felix Cucurull. *Vida Terrena*. Tradução de António de Macedo com a colaboração de Carlos de Oliveira. Lisboa: Editora Ulisseia.
- Pinho, Jorge. 2006. *O Escritor Invisível*. Lisboa: Quidnovi.
- Pereira, Maria Helena da Rocha. (1982) "Introdução" in Safo. *Poemas e Fragmentos de Safo*. Tradução de Eugénio de Andrade. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- Prieto, Marina B. L. Prieto. (1961) "Prefácio" in George Bernard Shaw. *Pigmalião*. Tradução de Marina B. L. Prieto. Coimbra: s/ed.
- Sena, Jorge de. (1978) "Prefácio" in *80 Poemas de Emily Dickinson*. Tradução e apresentação de Jorge de Sena. Lisboa: Edições 70.

## **26. JOSÉ GIL e 27. JOÃO GOMES**



**JOSÉ GIL** é Doutorado 2006 em "Estudos Teatrais". Prof. Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Coordenador do Departamento de Comunicação. Escritor e Ator. [josegilportugal@yahoo.com.br](mailto:josegilportugal@yahoo.com.br)

**JOÃO GOMES** é docente da Escola Superior de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança

### **SINOPSE - TEMA 1.7. AUGUSTO BOAL GRANDE PERSONALIDADE DA LUSOFONIA. BOAL – O TERCEIRO**

#### **TEATRO E AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO**

**JOSÉ GIL, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL.**



Augusto Boal apesar do seu falecimento recente é um dos grandes embaixadores do teatro em todo o mundo. Como refere a imprensa equivalente a Brecht e Stanislavsky. Desenvolveu vários tipos de teatro, tendo em consideração também a sua vida, baseado num conteúdo social e de debate político sem perder o seu valor estético; O Teatro Jornal., O Teatro Imagem, o Teatro Fórum, o Teatro Invisível, o Sistema Coringa e o Teatro do Oprimido. Procuramos ainda revelar dados interessantes sobre a sua passagem por Portugal.

### 0.

Morreu Augusto Boal a 4 de Maio de 2009, para o jornal de Guardian é equivalente a Brecht.

Para os brasileiros e os amantes do teatro e da promoção da igualdade entre os homens, Boal "deixa uma marca que jamais será esquecida", afirmou o presidente brasileiro ao jornal O Público, Lula da Silva, para quem o dramaturgo era "o exemplo de um companheiro que dedicou a sua vida à transformação social por meio da arte" Desde os nove anos de idade que comandava algumas peças familiares na companhia dos seus três irmãos – teatro doméstico no melhor sentido.

«Todas as sociedades humanas são espetaculares no seu quotidiano, e produzem espetáculos em momentos especiais. São espetaculares como forma de organização social, e produzem espetáculos como este.(...) Desde Guy Debord da Internacional Socialista em Maio de 68 em Paris até hoje Sociedade do Espetáculo é que nos prende – todos atores sociais cada um em seu papel e personagem.

*"Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver."*

*Bertold Brecht*

### 1.

O teatro é a primeira das artes. O homem caça e vê-se caçador, pinta nas paredes da gruta a sua caçada. Os animais não.

O homem inicia assim todas as suas descobertas, invenções, criações.

"o ser humano descobre que pode observar-se" "Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina onde pode ir." Augusto Boal

"O teatro é a primeira invenção humana e é aquela que possibilita e promove todas as outras invenções e todas as outras descobertas. O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver – ver-se em situação. Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não –EU , isto é, o OUTRO. (...) Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. " Augusto Boal. in: O Arco-Íris do Desejo. Método Boal de teatro de terapia. pp. 27 –



Mas não podemos começar a falar sobre a teoria e os Modelos sem constatar que a sua vida esteve sempre ligada a sua carreira artística.

Sofreu com a ditadura (de 1964 e 1985) foi preso e esteve exilado em vários países e também em Portugal. Nos anos 70, trabalhou durante dois anos com A Barraca, onde assinou a peça Barraca Conta Tiradentes (1977), Foi professor no Conservatório de Lisboa na Escola Superior de Teatro e Cinema.

## 2.

Vamos dedicar a nossa comunicação a seis técnicas ou formas ou modelos de comunicação de Augusto Boal

- 1.-Teatro Jornal
- 2- Teatro imagem
- 3 - Teatro Invisível
4. Teatro Fórum
5. Sistema Curinga, Augusto Boal dirige por exemplo: a peça de Brecht Resistível Ascensão de Arturo Ui
6. Teatro do Oprimido, seguindo as veredas abertas por Paulo Freire

Vamos tentar definir de cada uma destas técnicas, pois é nestas técnicas que Augusto Boal se baseava durante o seu percurso como teatrólogo;

- **1. Teatro Jornal:** Consiste na escolha de uma determinada notícia ou notícias, publicada num jornal, que é discutida por um grupo ou diferentes subgrupos, procurando deste modo verificar quais as qualidades dramáticas da estória. Desenham-se em grandes folhas de papel de cenário brainstorming e mind map das ideias centrais do espetáculo, centrando o saber em tempo de cenas fortes e cenas fracas do clímax da questão e na sua resolução.
- **2 “Teatro Imagem:** Técnica onde se transforma em imagem um tema proposto pelo orientador do por exemplo a liberdade, a ditadura, o cómico.
- **3. “Teatro Invisível:** forma de organização de um impulso cénico e dramático em que os atores estão numa performance que o espetador desconhece O público pensa que a cena é real. Por exemplo os atores – uma mulher a fingir de grávida e os dois homens a fingir que têm ideias diferentes quando ela representa desmaiar um ator ataca o governo pelas péssimas condições de trabalho e transporte e o outro situando toda a culpa na “trabalhadora” que quis ficar grávida e diz que as pessoas põem política em tudo. Na primeira estação de metro fogem. O público descobre que foi teatro mas continua discutindo a intervenção dos atores só descobertos no final.



- **4 -Teatro Fórum:** tem o debate como técnica principal. O público sobe ao palco substituindo os atores oprimidos. O teatro Fórum é um centro de debate diferenciando-se de rituais tradicionais Procura-se entre palco e plateia um diálogo vivo onde os espetadores no Teatro do Oprimido, não há espetadores, mas "espect-actores".
  
- **-5.- Sistema Curinga**

O modelo Curinga constitui o “rodar “ de diversos atores por diversas personagens havendo contudo um elemento de ligação como um chapéu, uma maçã, uma viola que indica ao espetador a continuidade do discurso.

Normalmente o herói ou personagem principal da peça não roda. É fixo.

Teatro épico pela sua distanciação, o Sistema Curinga surge em todos os géneros de Boal. de *Arena Conta Zumbi*, este sistema foi desenvolvido e estruturado em *Arena Conta Tiradentes*

Na explicação 1 destes espetáculos pretende-se alargar a forma a todas as formas necessárias
  
- **6 - Teatro do Oprimido**

O teatro empenhado em estimular a participação ativa e consciente dos cidadãos na construção da sociedade. O Teatro do Oprimido baseado no Método Paulo Freire desenvolve as suas atividades a dois níveis: ao nível comunitário, por exemplo em bairros *problemáticos* de Lisboa e Amadora. Ou em teatros da cidade voltados para o problema da emigração ou da luta de classes. Minorias contra maiorias e vice-versa

Nesta comunicação já abordamos as seis técnicas ou formas ou modelos de comunicação de Augusto Boal.

Todas elas utilizou na Escola de Teatro e Cinema nos anos de 1975/76. É interessante a visão que um dos diretores da Escola escreveu na Internet como o meu colega Luís Aguiar através do correio electrónico da Aprodet.

Conheceu como eu, Boal em 1975

“Víamos, nessa altura, Teresa Mota atarantada de um lado para o outro, perguntando-nos porque não se contratava o Augusto Boal, o homem do Teatro Arena de São Paulo, o homem que podia revolucionar a Escola de Teatro” (...) *Ele tem de ficar em Lisboa*, dizia-nos Teresa Mota. É que David Mourão Ferreira, Secretário de Estado da Cultura e a sua equipa não tinham honrado o compromisso de contratar Augusto Boal e a equipa que trouxera consigo. Contagiados pelos ares escandalizados de Teresa Mota e Richard Demarcy que invocavam ser um gesto revolucionário, contratar Augusto Boal, começamos a seguir a direção do realismo e a exigir o impossível. Encarregou-se Amílcar Martins de falar com Augusto Boal, enquanto eu iria invadir a secretaria do Conservatório Nacional (invadir é o termo, já que nessa altura era a mesma “assaltada” por mais de 30 pessoas que integravam as diversas Comissões Diretivas das cinco escolas) para sondar as possibilidades de contratar o Augusto Boal. *Nenhuma!* Respondia-nos o lendário senhor Antunes, chefe de uma secretaria em verdadeira revolução em curso. Horas depois, lá obtivemos a possibilidade de contratar Augusto Boal por 12 contos mensais, salário igual para todos os trabalhadores da casa.



Chegava-nos, entretanto, a boa nova de que Augusto Boal, gratíssimo pelo interesse, aceitaria. Mas 12 contos era o que pagava pela renda da casa que alugara na 5 de Outubro e tinha a cargo mais três pessoas de teatro, necessárias à consecução do projeto que definira com David Mourão Ferreira que lhe virou as costas, por razões que ainda hoje nos custam a entender. Numa operação de assalto cultural impusemos (...) a contratação de Augusto Boal e mais três, a Cecília, sua companheira, a Márcia e um outro de que já não nos lembramos o nome. Esse gesto mereceu, como se compreende, críticas contundentes por parte dos Velhos do Restelo da Casa de Garrett. Mas o tempo brindava os ousados e a revolução fazia milagres.

Com Augusto Boal procedemos à reformulação de todos os Planos de Estudo da Escola Superior de Teatro, não porque fossem maus, mas porque os novos ventos da revolução, impunham outros. E a renovação fez-se, a revolução seguiu o seu processo em curso e a Escola Superior de Teatro ia funcionando, quando muitas outras de universidades mais clássicas paralisavam. Criava-se então o Curso de Formação de Actores-Animadores com grande estrondo e rodeado de escândalo, mesmo em tempos de revolução. A inovação é isso aí, cria sempre oposição - sossegava-nos, serenamente, Augusto Boal. “

Quando regressa a São Paulo, a Arena trabalhava tendo como pivô o projeto de reconstrução do episódio histórico do Quilombo de Palmares. Com o trabalho criativo de Opinião e do Sistema Curinga - Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo encenam **Arena Conta Zumbi**. Oito atores fazem todas as personagens mantendo-se o recorte de época, enquanto um ator na forma coringa tem a função de narrador e de fazer as interligações. Espetáculo onde a música é um elemento de enriquecimento. Anos mais tarde escreveu com Chico Buarque *Mulheres de Atenas*, uma adaptação de Lisístrata, de Aristófanes. Quando estava no exílio em Portugal Chico Buarque dedicou-lhe a canção-carta

---

*Meu Caro Amigo (1976).*

*"Meu caro amigo eu não pretendo provocar  
Nem atizar suas saudades  
Mas acontece que não posso me furtar  
A lhe contar as novidades  
Aqui na terra 'tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll  
Uns dias chove, noutros dias bate sol  
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta"  
ouviu-se ontem na homenagem que os amigos lhe fizeram."*

Vivemos num espetáculo constante, nos momentos simples murmuramos, tomamos uma direção no espaço, preparamos o bilhete para o comboio, tomamos o café, modelamos a voz ao chamar um táxi, dobramos as pernas e os braços, damos uma performance ao corpo todo.



As vendedoras de jornais e de peixe têm uma projeção de voz estudada

Quase monitorizados ou inconscientes andamos em representações sucessivas, não só a tourada, o barbeiro, o casamento são atores teatrais...muitos mais na nossa expressividade como a reza, a missa,

E qual então a função do teatro ou da performance.

Dar consciência desses atores que somos autómatos, quase mecanizados, automáticos do nosso dia-a-dia, as relações humanas e sociais são encenadas

### **A VIDA DE AUGUSTO BOAL FOI O ESPELHO DA SUA ACTIVIDADE POLITICA**

Segundo O Público uma das últimas entrevistas que deu - à Carta Capital -, Boal defendia que, "hoje, todas as formas de expressão e comunicação estão nas mãos dos opressores". Na sua opinião, "o que a televisão oferece é um crime estético". Afirmava: "E ainda acham estranho que alguém saia matando quinze pessoas de uma só vez. O cérebro das pessoas está impregnado dessas imagens. As rádios também repetem o mesmo som o tempo todo. Sem falar no tecno, que desregula até marca-passo, e é pior que ouvir gente quebrando tijolo em construção. O que a gente quer, no Teatro do Oprimido, é lutar nestes três campos: palavra, imagem e som."

Augusto Boal nasceu no Rio de Janeiro em Março de 1931, filho de pai português. Formou-se em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na década de 1950, enquanto realizava estudos de doutoramento em Engenharia Química, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, estudou também dramaturgia na School of Dramatic Arts com John Gassner, professor de Tennessee Williams e de Arthur Miller.

### **AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO**

#### **JOÃO GOMES INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

O Teatro do Oprimido designa um conjunto de atividades dramáticas que têm como referência o trabalho desenvolvido, a partir de 1956, por Augusto Boal no Teatro Arena de São Paulo, no Brasil, tendo sido posteriormente desenvolvido noutros países da América Latina como teatro de intervenção ou teatro popular em resposta à sucessiva implantação de regimes políticos ditatoriais. Boal definia o Teatro do Oprimido como sendo **o teatro no sentido mais arcaico do termo. Todos os seres humanos são atores porque atuam e espetadores porque observam. Somos todos espect-actores.**

Segundo Boal (1977) o teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem. O seu trabalho baseia-se na criação de condições para que o homem, descobrindo o ator que existe em si, se prepare para agir e transformar, utilizando a linguagem teatral como forma de lutar contra a opressão.

Partindo da origem do teatro Boal (1977) refere o exemplo dos Gregos para demonstrar como o teatro se transformou num instrumento ao serviço das classes dominantes. O povo divide-se entre atores e espetadores, negando-se a estes últimos a capacidade de agir ao mesmo tempo que se verifica uma separação entre os próprios atores, divididos entre os protagonistas e o coro, como representação da aristocracia reinante.



No sistema trágico de Aristóteles, segundo Boal (1977), a empatia é a relação emocional que se estabelece entre personagens e espetadores, colocando estes na dependência dos outros, e onde se encontram duas emoções: a piedade e o terror. A primeira aproxima-nos de um personagem que sofre um destino não merecido e a segunda refere-se ao facto de um personagem sofrer as consequências de possuir uma fraqueza que nós também temos. O que é importante, como afirma Boal (1977), é que, com empatia, o espetador assume uma atitude passiva delegando a sua capacidade de ação.

Reagindo à passividade do espetador Boal (1978) propõe-se, através do teatro do oprimido, proceder à sua transformação em protagonista da ação dramática, criador e transformador, não refletindo exclusivamente o passado mas, pelo contrário, preparando o futuro.

Na sua passagem por Portugal, tivemos a oportunidade de conhecer de perto Augusto Boal e o seu trabalho, tendo sido seu aluno na Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa, em 1977/78. Homem de formação humanista, pedagogo da atividade dramática, reunia um conjunto de qualidades que deixaram uma marca profunda na nossa formação pessoal e profissional. Ainda hoje o seu trabalho é considerado uma referência fundamental para a área da Expressão Dramática e do Teatro.

Tendo por base a prática de um conjunto de atividades expressivas, em que os exercícios corporais têm um papel fundamental, desenvolve-se um trabalho de alteração das rotinas musculares que precede a exploração de determinadas práticas dramáticas para estimular nos participantes uma atitude atuante e interventiva.

O **teatro estátua** praticado com regularidade por Boal na Escola Superior de Teatro de Lisboa consistia na produção de imagens fixas pelos participantes de acordo com os temas propostos pelo orientador ou pelo grupo de participantes.

Um dos exemplos consistia em mostrar visualmente o pensamento coletivo sobre um dado tema. Cada participante era convidado a produzir uma imagem individual sobre o tema escolhido apresentando-se um de cada vez. Quem assistia, estando em desacordo com a imagem produzida, poderia propor uma nova imagem. O grupo podia intervir, modificando ou completando as imagens produzidas, chegando-se por fim à « imagem real » que seria aquela que o grupo concordaria ser a representação do tema.

A segunda fase consistia na construção de uma « imagem ideal » que correspondia à imagem que se desejava construir para ultrapassar os problemas revelados.

Na terceira fase voltava-se de novo à « imagem real », cada elemento do grupo podia fazer novas modificações, propondo visualmente uma realidade desejada.

A quarta fase funcionava depois de todos terem manifestado a sua opinião. Na sequência da construção pelo grupo de participantes do conjunto de imagens fixas reproduzindo a “imagem real” é então proposto a realização de um movimento lento que conduza a uma imagem fixa que é a “imagem ideal”.



O contacto com outras técnicas características do teatro do oprimido era também desenvolvido. O **teatro invisível** tinha como ponto de partida a escolha e representação de um tema que pudesse interessar espetadores ocasionais de uma determinada situação, que pudessem, para além de assistir, intervir na mesma. Nesta experiência os espetadores não têm conhecimento de que estão a participar numa atividade teatral.

O **teatro fórum**, como refere Boal (1978), é uma proposta de jogo artístico e intelectual entre artistas e espetadores, na qual as soluções propostas pelo protagonista têm um erro político ou social, apresentando-se a primeira parte o espetáculo como um teatro convencional.

Na segunda parte a peça é apresentada de novo, o público é informado que qualquer espetador pode substituir o protagonista, bastando para isso, que se aproxime do local da representação e grite a palavra “stop”. Os atores suspendem a representação, o protagonista é substituído pelo espetador e a cena continua. O ator substituído não se afasta, estimulando o espetador ou corrigindo a sua ação.

Qualquer elemento da audiência que não esteja de acordo com a nova representação pode intervir substituindo o novo protagonista ou, progressivamente, qualquer outro ator, segundo as regras estabelecidas. Um dos atores deve exercer as funções de jogo explicando as regras, corrigindo erros e mantendo o ritmo de representação.

Com a representação terminada deve partir-se para um modelo de ação futura que deverá ser representada pelos espetadores.

Outras técnicas fazem parte do teatro do oprimido, como o **teatro jornal** e o **teatro legislativo**, conhecidas por nós mas da qual não tivemos uma prática efetiva. De um modo geral têm um discurso ideológico como ponto de partida, sendo atribuído ao grupo de participantes a tarefa de encontrar as soluções possíveis para os problemas, soluções que permitam « transformar o mundo ».

“Vendo o mundo além das aparências, vemos opressores e oprimidos em todas as sociedades, etnias, géneros, classes e castas, vemos o mundo injusto e cruel. Temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. Mas cabe a nós construí-lo com as nossas mãos entrando em cena, no palco e na vida. (...) Atores somos todos nós, e *cidadão* não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma!” (1)

(1) Declaração do Dia Mundial do Teatro (Instituto Internacional do Teatro da UNESCO), da responsabilidade de Augusto Boal, proferida pelo próprio no dia 27 de Março de 2009, em Paris. O autor faleceu no dia 2 de Maio.

#### **REFERÊNCIAS**